



Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**O IMPERATIVO NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
VARIAÇÃO OU MUDANÇA?**

GLAYDSON DIAS MENDES

BRASÍLIA

2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

## **O IMPERATIVO NA ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:**

### **VARIAÇÃO OU MUDANÇA?**

GLAYDSON DIAS MENDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADOR: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2015

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que, de alguma forma,  
participaram desta jornada junto comigo.

Em especial, à minha família e à minha amada Amanda.

Obrigado. Amo vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus pela oportunidade de estudar concluir com êxito mais uma etapa na vida. Se consegui chegar até aqui, foi porque Ele me sustentou e me capacitou, toda honra e glória sejam concedidas ao Senhor.

Agradeço, de todo o coração, à minha família, a qual me deu suporte para realizar meus sonhos e jamais se distanciou nos momentos difíceis. Em especial, às minhas avós Laurides, Lili e Floripes (a quem carinhosamente também chamo de avó), minhas fiéis intercessoras; a meu irmão, Lucas, que me faz sorrir em momentos absolutamente improváveis; a meus pais, Rose e Clayton, que me incentivaram, financiaram, cuidaram e sempre foram meu maior exemplo; à minha amada Amanda, que me suportou e aturou em muitos momentos e com quem dividirei minhas maiores conquistas.

Agradeço aos amigos de longa e de recente data, principalmente aqueles que se achegaram no decorrer do curso e tornaram a experiência universitária muito mais prazerosa, tê-los conhecido foi uma honra.

Agradeço a minha professora e orientadora, doutora Ulisdete Rodrigues, que me elucidou, guiou e tornou este trabalho um fato concreto.

## O imperativo na mídia: variação ou mudança?

Glaysdon Dias Mendes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata do uso do modo imperativo na língua portuguesa e baseia-se na análise de textos de blogs produzidos por universitários. Tem-se por objetivo verificar a variação ou mudança no emprego desse modo verbal e pretende-se apontar se há tendência de conversão do imperativo para outro modo verbal. O estudo se insere na área da Sociolinguística, e adotou-se a pesquisa quantitativa como método de investigação, tendo-se realizado trabalho de campo para coleta de dados. Ao final deste trabalho conclui-se que desponta como tendência no Português Brasileiro a conversão modo verbal do imperativo para o indicativo.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Imperativo; Mudança; Variação.

**Abstract:** This article examines the use of the imperative form in the Portuguese language and it is based on the analysis of blogs' texts produced by university students. It aims to verify the variation or change in the application of this verb form. The study is inserted in the sociolinguistic field, and it adopts the quantitative research as the investigation method and adopts the field research. It conclude to indicate if there is an imperative form aimed conversion trend to another verb form.

**Keywords:** Sociolinguistic; Imperative form; Change; Variation.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português – Licenciatura.

## 1 Palavras Iniciais

A língua é uma instituição social em constante processo de elaboração. Está sujeita àqueles que a produzem, portanto é moldada conforme fatores sociais, culturais, históricos e psicológicos dos seres humanos. Em resumo, a língua é uma construção maleável, que se adapta aos diferentes contextos daqueles que se comunicam por meio dela. Cientes disso, estudiosos da língua portuguesa estão engajados em investigar o fenômeno e em entender como ele tem mudado no decorrer do tempo.

Este estudo se aplica especificamente ao emprego do imperativo na língua portuguesa no Brasil, pois percebe-se uma tendência de conversão desse modo verbal para o indicativo. O estudo se justifica pela intensificação do fenômeno inclusive no meio acadêmico, haja vista que os universitários têm substituído a forma do imperativo pela do indicativo nos momentos de fala e também na escrita não monitorada. A relevância do estudo deste fenômeno para o mundo científico é apontada pela tendência de que a variação desse fenômeno se consolide como uma mudança.

O objetivo desta análise é verificar a ocorrência da troca do imperativo pelo indicativo, a frequência em que ela se dá no ambiente da fala escrita em *blogs*<sup>2</sup> e, fundamentalmente, investigar a motivação desse fenômeno. Portanto, questiona-se quais seriam esses fatores sociais (polidez, escolaridade) e estruturais (redução do paradigma tempo-modal, economia linguística) que influenciam os casos de substituição.

A intenção desta análise consiste em investigar casos de variação/mudança para apontar se esses episódios têm origem social ou estrutural, se ambas influenciam em proporção similar, ou ainda se há sobreposição de uma variável sobre a outra. Dessa forma, serão observados trechos de textos escritos em

---

<sup>2</sup> Os *blogs* pesquisados estão em tabela no corpo de texto, por isso – e por conta da extensa lista que se formaria – não foram anexados às referências.

ambiente virtual, uma vez que o autor tem liberdade para usar a língua com menor nível de policiamento.

## **2 Metodologia**

A língua é um fato social. Ela se transforma no decorrer no tempo, influenciada pelo contexto histórico, político, filosófico, econômico, enfim, por aquilo que determina a vida da sociedade. Por conseguinte, os falantes aplicam mudanças à língua sem que se deem conta, ou seja, isso ocorre de maneira natural e inconsciente. A fim de compreender essa relação mútua entre língua e sociedade, a Sociolinguística surge como uma área de estudo que levará em consideração os pontos de mudança da fala/escrita de determinada língua para entender que fatores motivaram essas alterações.

Dante Lucchesi e Silvana Araújo afirmam que nas comunidades de fala – grupos que partilham traços linguísticos semelhantes, que os distinguem de outros grupos – sempre haverá traços linguísticos em concorrência, ou seja, em variação; trata-se, então, da denominada *Teoria da Variação*, a qual foi desenvolvida pelo linguista americano William Labov. Segundo Marcos Bagno (2007, p. 38), variação diz respeito ao estado permanente de transformação, fluidez e instabilidade da língua, a ponto de alcançar as esferas fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática – esse conceito é, portanto, nas palavras do autor, “a espinha dorsal da Sociolinguística”.

Outro conceito importante é o de *mudança linguística*, que, consoante as palavras de Paulo Chagas (2005), é definido como a consolidação de uma variante. Isso significa dizer que a variação ocorre em um plano sincrônico, quando há alternância; por sua vez, a mudança é percebida em um plano diacrônico, após a confirmação de uma tendência. Fernando Tarallo (1994, p. 63) ainda acrescenta que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação”.

Para a coleta e análise de dados do presente estudo, será usado o método quantitativo. Essa metodologia se caracteriza pela quantificação no tratamento das informações apanhadas, com o intuito de estabelecer estatísticas que evitem distorções e permitam maior precisão dos trabalhos. Por exemplo, em um estudo de análise linguística, é possível definir variáveis como escolaridade, faixa etária, sexo, classe social, ambiente de fala, geografia, entre outras.

A fim de que todos esses autores trazidos à baila pudessem ter suas ideias alinhadas, foi necessário buscar conhecimento no trabalho produzido por Fernando Tarallo (1994), de onde é possível extrair-se métodos de pesquisa sociolinguística. O autor destrincha um relevante estudo acerca da variação linguística e de quando essa variação torna-se ou não uma mudança.

Como metodologia para coleta de informações, adotou-se a pesquisa quantitativa. Bernardete Gatti (2004), especialista em estudos quantitativos em educação, considera o modelo de quantificação importante porque números são capazes de estabelecer parâmetros para análise em escala, ou seja, é possível estabelecer comparativos entre os dados levantados, uma vez que essa análise consiste na leitura dos números com base nos pressupostos que originaram seu questionamento. Isso se aplica ao campo da Sociolinguística, tendo em vista que as variantes linguísticas são suscitadas principalmente por meio de dados quantitativos.

A sociolinguística quantitativa pode ser aplicada em vários ambientes distintos para o levantamento de dados analíticos; neste estudo, o ambiente em que se coletarão dados serão os *blogs*. O conceito de *blog*<sup>3</sup> pode ser entendido como uma página de Internet composta por poucos parágrafos, atualizada frequentemente, tal como uma página de notícias, seguindo uma linha cronológica; o conteúdo abrange diários, notícias, piadas, universo acadêmico, culinária, fotografia, enfim, tudo aquilo que o autor quiser postar. A escolha dessa ferramenta *online* se deve ao fato de ser um espaço de uso pessoal, no qual há

---

<sup>3</sup> Portal blogger, disponível em: <<http://blogger.globo.com/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.



menor monitoramento no emprego da língua e maior possibilidade de avaliá-la em uma escrita dita espontânea.

Após observar a evolução do português brasileiro, viu-se a importância de avaliar em que estágio se encontra o emprego do modo imperativo dentro da estrutura linguística escrita, haja vista o acelerado processo de declínio desse modo verbal na língua oral do falante brasileiro. Em função do caráter mais formal, a língua escrita é atingida por um processo mais gradual de transformação; o intuito deste artigo é justamente investigar, por meio de processos linguísticos e extralinguísticos, em que passo está tal processo, se consta apenas como variação ou se pode ser apontado como uma mudança.

### **3 Pressupostos**

Para a elaboração deste artigo, foi imprescindível o prévio estudo de autores consagrados na área da Sociolinguística, sem os quais não seria possível desenvolver a análise aqui proposta. De início, ressalta-se que a análise feita nestas linhas não visa a esgotar o assunto mas apenas acrescentar-lhe nova perspectiva, aportada no raciocínio de renomados pensadores da língua portuguesa do Brasil.

A compreensão das transformações linguísticas e dos fatores que influenciam essas mutações pressupõe o entendimento de conceitos básicos em relação à língua como uma instituição social. Com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre *língua*, *cultura falante*, fatores *linguísticos* e *extralinguísticos*, *variantes linguísticas* e demais assuntos que afetam direta ou indiretamente a Sociolinguística, mostrou-se salutar a obra de Maria Cezario e Sebastião Votre. Segundos eles (2009, p. 141), a língua “não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto cultural”.

A evolução histórica da língua é objeto de estudo de Carlos Alberto Faraco, linguista que também serviu de inspiração para a produção deste artigo. Ele afirma

ser a língua escrita – que será o objeto desta análise – fonte de identificação de uma mudança em curso, haja vista o processo de variação mais lento nessa linguagem, por ser mais formal. Faraco (2005, p. 14) afirma que “a língua escrita é mais conservadora que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores”, ou seja, quando o usuário da língua adota determinada mudança na forma escrita da língua, ela já se encontra em um estágio avançado do processo de evolução<sup>4</sup>.

Do ponto de vista da construção social da língua, é de grande importância destacar o trabalho de Marcos Bagno, a quem atribui-se a autoria de trabalhos que versam a respeito da mudança linguística, fenômeno que é abordado neste estudo. Bagno é doutor em filologia e língua portuguesa, especialista em sociolinguística, e fala com propriedade acerca do fenômeno de mudança na língua ao defender que “qualquer falante da língua é o melhor gramático que existe” e que, por isso, “as mudanças que acontecem na língua se devem precisamente a esse conhecimento poderoso que os falantes têm de como ela funciona e à eficiência das intervenções que eles fazem nesse funcionamento” (BAGNO, 2009, p. 45).

A fundamentação empírica desta pesquisa apoia-se na teoria de mudança linguística de William Labov (2008, p. 304, *apud*, Vendryes, 1921, p. 13), segundo o qual “a linguagem, que é o fato social por excelência, resulta dos contatos sociais”. Em outra obra, Labov, Uriel Weinreich e Marvin Herzog (2009) ratificam essa ideia ao afirmarem que o mecanismo mais natural para a mudança é a mistura de línguas, isso significa que o principal influenciador da mutação linguística é o próprio falante. Daniela Cardoso (2007, p. 2) escreve brilhantemente acerca dessa teoria.

A teoria laboviana constitui teoria privilegiada quando se trata de analisar a língua em uma perspectiva social. Tal abordagem apresenta categorias que, se pretende, sejam capazes de correlacionar as motivações internas ao sistema lingüístico e as

---

<sup>4</sup> Aqui, o termo *evolução* não significa dizer que a língua está melhorando, não se adotou esse princípio, mas apenas o de que a língua se desenvolve de maneira natural.

advindas de fatores sociais, em processos de variação lingüística, concebidos como inerentes à língua.

Para aprofundar-se nessa ciência, é fundamental entender o aspecto heterogêneo da língua, isto é, ela funciona de maneira individual conforme o falante. Segundo Faraco (2005, p. 10), a história das línguas é construída por mutações que atingem sempre partes e não o todo da comunidade falante, ideia esta que derruba a hipótese de que mudanças linguísticas ocorrem de maneira abrupta e estática. Há, na verdade, um processo gradual que exige aceitação da comunidade para se incorporar aquela mudança.

Embora haja uma estrutura que possibilite a construção da língua, há também uma série de sistemas linguísticos que coexistem como ferramentas de comunicação, uma vez que cada usuário produz o que William Labov chamou de *idioleto*<sup>5</sup>. Acerca das modificações estruturais, esse autor (LABOV, 2009, p. 87-88) também afirma:

se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda? [...] a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.

Na perspectiva acima, no tocante à *Teoria da Variação*, faz-se necessário ressaltar um importante aspecto da heterogeneidade: as *variantes linguísticas*. Segundo Tarallo (1986, p. 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”, ou seja, são meios distintos para se transmitir uma mensagem, logo é possível entender que as variantes estabelecem “competição linguística” para definir o que será adotado como regra pelo falante. Quando não há predominância de uma variante sobre outra, ocorre o fenômeno de *variação estável*, pois os estilos permanecem no contexto de fala sem que algum deles caia em desuso; entretanto, pode haver o “diagnóstico de mudança em progresso”, caso o processo de variação pende para

---

<sup>5</sup> Variação da língua conforme a particularidade de cada indivíduo, ou seja, uma variante pessoal.

uma das variantes. Teríamos, nesse caso, o início do processo de mudança (CEZARIO; VOTRE, 2009).

Interessante trazer outros conceitos à baila, porque são constituintes da área central desta pesquisa. Um relevante conceito abordado por Marcos Bagno (2001) é a *noção de norma*, a qual representa a tentativa de as pessoas encontrarem em manifestações de fala e escrita um ideal de língua; isso decorre da intenção de aproximação da variante *norma culta* – estilo linguístico utilizado por comunidade de fala elitizada, restrita. Todavia, o conceito de norma pode ser melhor compreendido por ponto de vista antagônico, a partir da visão de *preconceito linguístico*. Segundo Bagno (2001, p. 72), o preconceito parte da ideia de que “existe uma única maneira ‘certa’ de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece nos livros chamados *gramáticas*” [grifos do autor]. O termo *norma culta* revela o caráter segregador que a língua pode assumir, haja vista que adotar determinada variante como o “estilo correto” de se comunicar é ir contra a essência da própria língua, uma vez que esta é um fenômeno mutante, ou seja, está em constante adaptação às necessidades do falante. Intimamente ligada a essa questão de aceitação ou estigmatização do falante, está a avaliação da comunidade, pois é justamente o meio social quem julgará se a variante será internalizada ou rejeitada.

Sob a perspectiva da sociolinguística, é possível perceber que os chamados erros de português estão diretamente ligados à avaliação social que recebem aqueles que os cometem, e não necessariamente à norma infringida. Todavia, há de se ressaltar que o descumprimento das leis gramaticais não implica agramaticalidade; a construção da língua permanece obedecendo aos padrões inteligíveis de comunicação. A essência da estrutura da sentença – o esqueleto da sentença, em uma linguagem coloquial – não é afetada pelas mudanças; sujeito, verbo e complemento continuam sendo elementos pétreos da língua portuguesa.

É imprescindível, então, nessa altura do estudo, apresentar as obras que versam sobre o fenômeno alvo deste estudo, o modo imperativo. Chamam-se

*modos verbais* “as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude da pessoa que fala em relação ao fato que anuncia” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 412); entre esses modos, o *imperativo* se destaca como aquele que transmite ordens, pedidos, conselhos ou instruções.

No português, há dois tipos de imperativo: o afirmativo e o negativo. Em ambos, o imperativo dispõe de uma forma própria, adotando para si a estrutura do presente do subjuntivo, a exceção ocorre nos casos de segunda pessoa do singular (tu) e segunda pessoa do plural (vós) no imperativo afirmativo; nessa situação o verbo assume sua própria forma: presente do indicativo sem o –s (Cintra; Cunha, 2001, p. 412). Nesse modo verbal, não há a primeira pessoa do singular (eu). O modo imperativo expressa a ação de um indivíduo a outro(s), ou seja, alguém a quem se fala, pois a fala é sempre dirigida a um interlocutor. Assim, podemos considerar os pronomes *tu* e *vós*, como as formas que regem o uso do imperativo, lexical e semanticamente.

A professora Marta Scherre (2002) dissecou a formação do imperativo segundo as gramáticas normativas ao registrar que as formas verbais do *imperativo afirmativo* referentes à segunda pessoa – no singular e no plural – derivam do modo indicativo, ao passo que as demais formas do *imperativo afirmativo* e todas as formas do *imperativo negativo* se constituem a partir do modo subjuntivo. A estudiosa discorre em seu artigo a respeito da concepção de erro que é perpetuada pela mídia e defende o uso do modo imperativo no modelo não padrão, tendo em vista que consiste em uma variação sem marca de classe social e, por conta disso, é aceita nas muitas comunidades de fala do português brasileiro sem que haja estigmatização.

Essa mesma autora, em artigo que trata de norma e uso do modo imperativo, pesquisa sobre a aproximação entre fala e escrita do emprego do imperativo, posto que analisa diálogos de revistas em quadrinhos brasileiras. Nesse estudo, Scherre (2004, p. 237) identificou casos em que ocorrem marcações que seguem à risca a normativa gramatical [+ formal] e outras que adotam o modelo não culto [- formal] do modo imperativo. Conforme as palavras

dela, os falantes associam a forma subjuntiva (norma gramatical) à fala mais rude, ou seja, quando se expressa maior traço de autoridade, enquanto a comunicação informal assume a forma indicativa (uso coloquial).

Alinham-se a essas referências as importantes observações notadas por Heloísa Salles, Marta Scherre, Daisy Cardoso e Marcus Lunguinho (2007), responsáveis pelo estudo que examina a manifestação de dois imperativos gramaticais. O primeiro deles, chamado *imperativo verdadeiro*, apresenta forma verbal “própria à expressão desse modo”, portanto dispõe de morfologia própria; o segundo caso, denominado *imperativo não verdadeiro*, traz verbos que derivam de “formas verbais supletivas”, isso significa que esses verbos se associam às formas do indicativo e do subjuntivo – como ocorre no português brasileiro – e também às formas infinitivas ou gerundivas.

É de grande valor acrescentar a estes pressupostos a obra de Henrique Braga (2005), fonte de pesquisa sobre o *desaparecimento da flexão verbal como marca de tratamento do modo imperativo*. O autor usou como *corpus* de sua análise textos dramáticos do teatro brasileiro produzidos no período entre os anos de 1850 e 1975, a fim de destacar, na fala daqueles que se envolviam com a dramaturgia em algum nível, o uso das formas singulares do modo imperativo. O linguista se apoia nos estudos de Lima-Hernandes e Spaziani (2002) para afirmar que, para entender as variações semântico-pragmáticas do modo imperativo, deve ampliar-se a análise a nove valores diferentes do imperativo, a saber, “*imperativo propriamente dito, proibitivo, optativo, exortativo, premonitivo, súplica, conselho, pedido negativo e pedido positivo*”.

Explanadas essas ideias, faz-se lembrança, a título de ilustração, à inovadora gramática de Domingos Cegalla (2005), cujos ensinamentos acerca do modo verbal em questão em muito se assemelham às palavras de Cunha e Cintra (2001) – citados anteriormente – e permitem a construção da tabela<sup>6</sup> abaixo, na

---

<sup>6</sup> Tabela disponível em: <<http://noticiasnumclick.xpg.uol.com.br/formacao-do-modo-imperativo-tabela-de-verbos-no-afirmativo-e-negativo>>. Acesso em: 3 jul. 2015.

qual usaremos o verbo *correr* para identificar a formação do modo imperativo, nas polaridades afirmativo e negativo.

Pessoas	Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo	Imperativo negativo
Eu	corro	_____	que corra	_____
Tu	corres (-s) →	corre	que corras →	não corras
Ele (você)	corre	corra ←	que corra →	não corra
Nós	corremos	corramos ←	que corramos →	não corramos
Vós	correis (-s) →	correi	que correis →	não correis
Eles	correm	corram ←	que corram →	não corram

Outra definição importante, e que não pode ser descartada, reside na gramática *Houaiss*, de Azeredo (2012). O autor aborda o assunto de maneira mais técnica e concentra-se na formação do imperativo afirmativo a partir da derivação do presente do indicativo, porém não se propõe a descrever o imperativo negativo, tendo em vista que este adota a mesma forma do subjuntivo.

Imperativo afirmativo. Forma-se do tema da segunda pessoa do singular e do plural, com desinência número-pessoal zero no singular, *canta* (*canta* + **0**), *vive* (*vive* + **0**), *dize* (*dize* + **0**), *dorme* (*dorme* + **0**) e desinência **-i** ou **-de** no plural, *cantai* (*canta* + **i**), *vivei* (*vive* + **i**), *ide* (*i* + **de**), *tende* (*tem* + **de**). A única exceção é o verbo *ser*, cujo imperativo afirmativo é *sê* (tu) / *sede* (vós). (AZEREDO, 2012, p. 185) [grifos do autor]

Veja tabela<sup>7</sup> de ilustração.

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
cant-o	_____	cant-e
cant-as (-s) →	cant-a	cant-es
cant-a	cant-e ←	cant-e

<sup>7</sup> Tabela disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1671771/>>. Acesso em: 3 jul. 2015.

cant-amos	cant-emos ←	cant-emos
cant-aís (-s) →	cant-ai	cant-eis
cant-am	cant-em ←	cant-em

Considerando esses pressupostos teóricos que conferem ao presente estudo o aporte de renomados pensadores e linguistas apresentados até aqui, destacaremos, de fato, no próximo item, o fenômeno que deu origem a este estudo, em que observaremos o comportamento do falante do português – no contexto de produção escrita dos *blogs* – no tocante ao emprego do modo imperativo.

#### 4. O imperativo dentro e fora da língua

Neste ponto, busca-se traçar um estudo analítico acerca da ocorrência (ou não) do imperativo no contexto de *blogs*, com base na influência de variáveis sociais como escolaridade e área de atuação profissional. A questão central desta pesquisa sugere que essas variáveis estão diretamente ligadas à frequência em que o modo imperativo é substituído pelo indicativo em textos informais da Internet, tendo em vista o caráter de *não monitoração* do escritor de blogs, uma vez que o ambiente de divulgação dos textos é mais liberal.

##### 4.1 Variáveis extralinguísticas

Dante Lucchesi (2002, p. 67) ensina acerca da divisão dentro da variação linguística, ele fragmenta o assunto em dois segmentos. O primeiro é chamado de *variação social*, a qual alude à “diferença nas frequências observadas na fala dos diversos segmentos sociais”, ou seja, diferentes classes sociais ou graus de instrução – casos em que se encaixa a observação com base na escolaridade; a segunda é classificada como *variação estilística*, esta se reporta às variações



notadas conforme o contexto, a exemplo de fala espontânea [- policiamento] vs. fala formal [+ policiamento], influência do ambiente do trabalho, círculo de convívio cotidiano, etc. – casos em que se fundamenta a observação do comportamento segundo a área de atuação profissional.

#### **4.1.1 Escolaridade**

O fator *escolaridade* é uma variável recorrentemente adotada no estudo de fenômenos ligados à língua, tendo em vista a possibilidade de apontar o domínio linguístico do falante. Segundo o professor Luiz Schwindt (2007, p. 9), apoiado em Moraes (1996), “a alfabetização estabelece uma nova relação entre língua e falante”. Com base nessa afirmação, a Sociolinguística entende que quanto maior a compreensão linguística do falante, maior será a capacidade de adaptação da fala/escrita a diferentes contextos, porque, para que a língua seja empregada de maneira correta, ela não deve, necessariamente, acompanhar todas as minúcias gramaticais.

Destarte, o grau de escolaridade possui relevante influência no índice de aparição do fenômeno de adotar o modo indicativo no lugar do imperativo. Esse fenômeno está se manifestando em diferentes camadas sociais, diferentes níveis de instrução e em variados contextos sociais, tendo percorrido distintas comunidades de fala.

Um aspecto de análise dessa possível mudança em curso é a ausência de estigmatização por parte das comunidades elitizadas, uma vez que estas são determinantes na aceitação ou rejeição de uma nova variante. A camada privilegiada – comumente dotada de maior grau de escolarização – não se opõe a essa “violação da regra”, pelo contrário, também faz uso da inovação linguística e colabora com a disseminação do *indicativo* empregado na função do *imperativo*. É sabido que quanto mais elevado o nível de instrução do falante, maior será sua proximidade com a *norma-padrão*, portanto se os falantes de maior prestígio também adotam a nova variante, em menor ou igual frequência, de tal modo que

ela passe a suplantar a variante original, essa pode ser entendida como *mudança em curso*.

Por essa razão, a variável *escolaridade* constitui-se um importante meio de aferição deste caso e de levantamento de dados desta pesquisa, pois foi possível perceber que o fenômeno surte efeito em diferentes graus de escolarização – pode-se dizer que é uma variável de caráter uniforme –, haja vista a internalização do uso na fala oral rotineiramente, o que tem fomentado a prática também no contexto da língua escrita. Mesmo os falantes mais pressionados pelo maior *tempo acadêmico* usam a variante quando elaboram textos imbuídos de menor formalidade, o caso de *blogs*.

A aparição desse evento se mostrou mais recorrente entre jovens, principalmente entre aqueles que não ingressaram no ensino superior ou estão no curso há pouco tempo. A escritora C. M., 19, iniciante do curso de Jornalismo, é administradora e alimentadora do blog *Desejo Adolescente*. Em um de seus textos, ela escreve “Moça, por que chora tanto? **Me diz, conta pra mim, conta** como só quem quer desabafar. [...] **Olha**, vou te contar um segredo”. É possível notar, nos trechos destacados, a frequência do fenômeno em períodos que exprimem a tentativa de aproximação, por parte da autora, entre os interlocutores; o intuito do recorte textual é colocar em tela o traço oral presente na escrita, ou seja, o texto elaborado de maneira espontânea e com baixo teor de policiamento.

Outra situação em que o caso pode ser observado é no blog *Dona Onça*, espaço virtual para interessados em notícias e dicas acerca de moda. A responsável pela plataforma, C. A., 26, é formada em Relações Públicas com MBA em Comunicação Digital e Mídias Sociais e também tem especialização em Consultoria de Imagem. Na postagem extraída para objeto de análise, a opção do indicativo em vez do imperativo foi feita apenas no trecho “Agora **me conta**, dos looks acima, qual foi o seu preferido?”, justamente a frase final do texto, a qual transmite o diálogo direto com o leitor. A responsável pela postagem – com maior grau de instrução em relação à administradora do blog anteriormente usado –

optou pelo estilo *padrão culto* em todo o conteúdo, exceto no fechamento, quando a intenção foi se aproximar com o seu público alvo.

Esses dois exemplos permitem identificar dois aspectos para análise do fenômeno: a influência da escolarização e a influência do contexto. O emprego recorrente do indicativo no primeiro exemplo em comparação à única aparição no segundo exemplo evidencia a *noção de norma* mais latente naquela com nível de estudo mais elevado. Em contrapartida, nos dois casos, o fato é encontrado dentro de contexto semelhante, a saber, a intenção de transmitir ao público a mensagem com mais proximidade; para tanto, ambas adotaram a *norma não padrão* a fim de atingir a meta.

A renomada linguista Marta Scherre (2005, p. 230) faz análise similar quando estuda o *slogan* da Caixa Econômica Federal, de 1994, “Vem com a Caixa e tudo bem Vem pro tetra você também. Vem!”. Discorrendo a respeito do tema e do levantamento de dados, a autora afirma: “Até o presente momento, coletei cerca de 30 e verifiquei que todos eles apresentam características de língua falada: envolvem-se em rima; simulam diálogo pela presença de vocativos [...]”. Com base na reflexão de Scherre, entende-se que havia na propaganda da Caixa o mesmo objetivo perseguido pelas autoras dos blogs ilustrados, qual seja, aproximar-se do público alvo.

#### **4.1.2 Área de atuação profissional**

A variável *área de atuação profissional*, ao contrário da anterior, não é comumente adotada como fator de análise na variação/mudança linguística, entretanto mostrou-se relevante para os fins deste estudo, uma vez que os blogs são um acervo de informações e opiniões que dispõem de bastante segmentação. Essa característica se dá por conta do público frequentador das páginas virtuais, pois os leitores, em um panorama geral, buscam por assuntos específicos e se fidelizam a determinados *blogueiros* quando identificam a singularidade do *blog*.

Dessa forma, é possível elencar diversos temas abordados nesses sites, por exemplo, política, moda, cinema, séries de televisão, carros, culinária e uma infinidade de outros assuntos; há, ainda, a subdivisão desses temas, a exemplo dos esportes (futebol, basquete, automobilismo, atletismo). A intenção, portanto, é apontar a variabilidade do emprego do modo imperativo de acordo com as diferentes ramificações do conteúdo dos textos, isto é, de acordo com atuação do autor dos textos.

Esta pesquisa identificou no blog *Chata de Galocha*, cuja gestão é de L. F., graduada em Design Gráfico, especialista em Gestão de Marcas, consultora de moda pelo Instituto Marangoni e ex-diretora de arte dos sites *PopCorn* e *ID&A*, o seguinte trecho: “[...] é super simples de fazer, entrou pro cardápio aqui de casa! **Vem ver**”. Pelo currículo, a consultora comprova ter um alto grau de estudo, ainda assim o fenômeno é percebido na sua escrita, o que destaca a presença do fenômeno nas camadas *elitizadas* da comunidade linguística.

Nota-se a ocorrência desse caso no blog *Casa da Ideia*, especializado em decoração de interiores; a administradora e alimentadora da plataforma é M. M., Designer de Interiores, que compartilha conhecimentos do seu dia a dia para os leitores. A *blogger* escreve: “Tenho certeza que a forma que você inventar pra organizar sua mesa vai se encaixar em alguma. **Então relaxa**. O segredo é ter muitas referências [...] **Aproveita** que está rolando lá no *D&D* a tradicional *Mostra Mesas Decoradas* e vá garimpar boas ideias [...] pra te ajudar a explorar tanta coisa diferente, **olha** as dicas que eu aprendi”. No trecho extraído, a substituição se repete por três vezes, e todas as ocorrências observadas estão no desenvolvimento do texto, quando, geralmente, aquele que está escrevendo tende a fazê-lo de maneira mais espontânea<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Quando um indivíduo centra-se em um foco – neste caso, escrever um texto –, direciona a sua atenção a essa atividade. O conceito de *atenção* pode ser asseverado “pela seleção e manutenção de um foco, seja de um estímulo ou informação”. Isso significa que, durante o desenvolvimento textual, o indivíduo está com a atenção voltada a escrever acerca de determinado assunto, portanto diminui o policiamento sobre a *norma*. Informação disponível em:

A terceira página analisada é o portal *Livros e Fuxicos*, o qual é gerido por quatro *bloggers*; o recorte textual expõe o texto de P. A., graduada e atuante na área de Administração. O trecho “Os prêmios desse mês estão bem especiais – tem até livro de colorir! **Vem** conferir e participar” destaca novamente o verbo *vir*, grafado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, ao passo que a gramática normatiza o emprego da forma *venha*.

A questão principal a ser trabalhada é a presença do fenômeno em diferentes segmentos da comunidade linguística, portando o “erro” se tornou um uso comum entre os falantes mais letrados e entre eles não causa estranheza, embora não esteja de acordo com os ditames da gramática normativa. O professor Marcos Bagno tratou do assunto no livro *A norma oculta*, ao ressaltar que a incorporação do “erro” ocorre na medida em que os falantes mais cultos adotam a variante, pois há menor *instinto de correção* entre os membros de mesma comunidade. O docente (BAGNO, 2003, p. 27) completa: “quando o ‘erro’ já se tornou uma *regra* na língua falada pelos cidadãos mais letrados, ele passa despercebido e já não provoca arrepios nem dores de ouvido”.

Por mais que se negue a prática, a problemática do erro na língua reside na polêmica da aceitação – ou não – da variante, logo enxerga-se que a celeuma está muito mais ligada à questão de *preconceito* que à de *conceito* verdadeiramente. Para entendermos que preconceito seria esse, novamente usamos a fala de Bagno (2003, p. 43), que explica: “é preconceito de que existe uma única maneira ‘certa’ de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados *gramática*.” [grifos do autor].

Com base nessa fala citada, reforça-se o entendimento de que o fenômeno aqui estudo não recebe o confronto do preconceito linguístico, pelo contrário,

segue sendo absorvido nas diferentes ramificações profissionais. A seguir, seguem os principais *blogs* analisados.

BLOG	FORMAÇÃO	POLARIDADE	SALIENCIA FONICA	FENÔMENO
ID&A	DESIGN DE INTERIORES	POSITIVA	trissílabo	SIM
CHATA DE GALOCHA	DESIGN GRÁFICO	POSITIVA	monossílabo	SIM
LIVROS E FUXICOS	ADMINISTRAÇÃO	POSITIVA	monossílabo	SIM
STARVING	CONSULTORIA DE MODA	POSITIVA	dissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	dissílabo	SIM
O BLOG DA M.	ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	POSITIVA	quadrissílabo	SIM
DESEJO DOLESCENTE	JORNALISMO	POSITIVA	dissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	trissílabo	SIM
---	---	NEGATIVA	trissílabo	NÃO
CASAR É UM BARATO	PROGRAMAÇÃO	POSITIVA	trissílabo	SIM
DONA ONÇA	RELAÇÕES PÚBLICAS	POSITIVA	dissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	trissílabo	NÃO
ESCUITA AQUI, QUERIDINHA	PUBLICIDADE	POSITIVA	trissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	dissílabo	SIM
QUASE PERFEITA	GRADUADA*	POSITIVA	dissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	trissílabo	NÃO
---	---	POSITIVA	quadrissílabo	NÃO
GUERREIROS DA COLINA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	POSITIVA	trissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	dissílabo	SIM
NÃO SE PREOCUPE	SEM FORMAÇÃO	NEGATIVA	trissílabo	NÃO
UM TRAVESSEIRO PARA DOIS	PROPAGANDE E MARKETING	NEGATIVA	dissílabo	SIM
---	---	POSITIVA	dissílabo	SIM
DEDO DE MOÇA	CULINÁRIA	POSITIVA	monossílabo	SIM

<sup>9</sup> As lacunas onde houver esta marcação, leiam-se o mesmo blog e área de formação da lacuna acima.

---	---	NEGATIVA	quadrissílabo	NÃO
K. F.	SEM FORMAÇÃO	NEGATIVA	trissílabo	SIM
RECREAMAT	MATEMÁTICA	POSITIVA	quadrissílabo	NÃO
ENGENHARIA MINUTO	ENGENHARIA CIVIL	POSITIVA	trissílabo	NÃO
---	---	POSITIVA	trissílabo	NÃO
CUTELARIA ARTESANAL	ARTES	NEGATIVA	dissílabo	SIM
A. V. P.	COMUNICAÇÃO	NEGATIVA	dissílabo	NÃO
ELA TÁ DE XICO	SEM FORMAÇÃO	POSITIVA	dissílabo	SIM
VERDADE FEMININA	COMUNICAÇÃO	POSITIVA	trissílabo	SIM
PÉROLAS DO M.	ARTES	POSITIVA	dissílabo	SIM
---	---	NEGATIVA	dissílabo	SIM
BLOG DO M. – ESPN	COMUNICAÇÃO	POSITIVA	dissílabo	NÃO

## 4.2 Variáveis linguísticas

A língua muda constantemente, esse é um processo natural e irrefreável, inato a todo sistema linguístico. À medida que os falantes se comunicam, modificam o código sem mesmo que percebam, por isso essa característica de variação e/ou mudança é tão intrínseca à língua.

Segundo Coseriu (1979, p. 15), a língua muda incessantemente e a única forma de continuar viva é se permanecer mudando. Esse entendimento despertou o interesse de estudiosos que, a partir do século XIX, passaram a tratar a área como uma ciência. Até aquele momento, imaginava-se que a língua evoluía paulatinamente e que, a esses passos, alcançaria o *status* de maturidade plena. Entretanto, esse conceito de evolução sofreu questionamentos e seria solucionado posteriormente com base no *conceito de deriva*, segundo o qual “Deriva não significa evolução. As mudanças lingüísticas não são casuais nem desconexas. Seguem uma diretriz; há uma corrente nas mudanças. O conceito é neutro: a

língua não melhora nem piora; apenas constata-se que ela muda” (CLARE, 2004, p. 1).

Destarte, entendemos que a língua é um ciclo, isso significa que os falantes estão sempre adaptando-a e inovando-a. Essas novidades linguísticas estão relacionadas a fatores intrínsecos e extrínsecos à língua.

Este estudo trouxe aspectos sociais que influenciam o processo de transformação linguística, tendo em vista que os comunicadores estão inseridos em uma sociedade, portanto o contexto social, histórico, cultural, econômico, acadêmico, profissional está atrelado ao modo como o falante domina a língua e às noções de norma presentes em determinado sistema. Doravante, analisaremos aspectos estruturais da língua, ou seja, a pesquisa se concentrará em variáveis atinentes ao próprio sistema linguístico. Desse modo, abordaremos os elementos *polaridade positiva* ou *negativa* do modo imperativo bem como a *saliência fônica*.

#### **4.2.1 Polaridades**

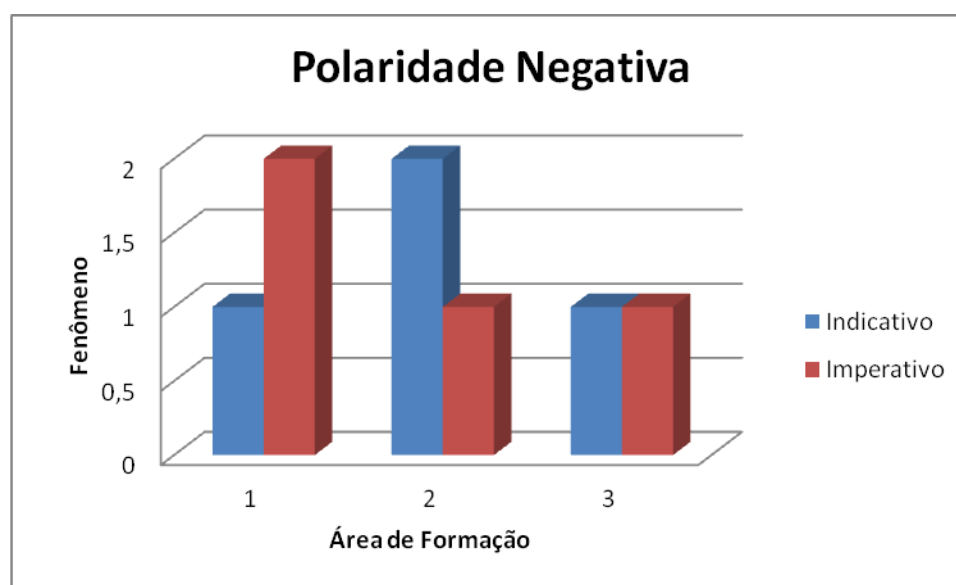
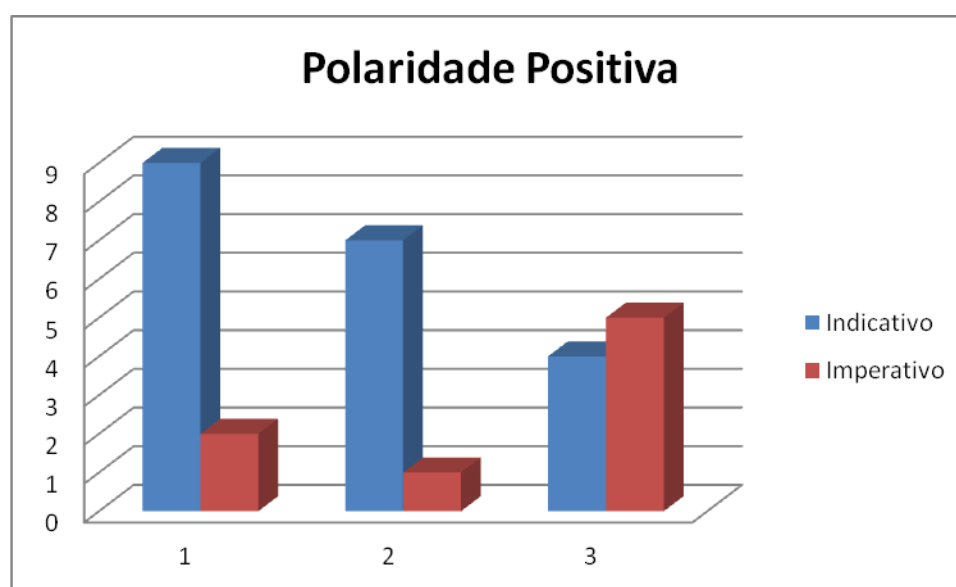
O termo *polaridade* refere-se a extremos, ou posições opostas em um sistema de forças. Os elementos *polaridade positiva* e *polaridade negativa* podem ser representados, respectivamente, pelos termos *sim* e *não* – quando assumem a função de resposta, por exemplo – no contexto de fala do português brasileiro. Este estudo adotou essas variáveis para levantar parâmetros de análise da estrutura linguística, no que diz respeito à forma verbal adotada nos casos em que a norma dita o uso do modo imperativo, tanto em sentenças afirmativas quanto em negativas.

A maioria dos casos observados nesta pesquisa são exemplos de polaridade positiva, de modo que, em alguns episódios, observou-se a aparição do fenômeno, enquanto houve por parte do autor, em outros episódios, a opção por seguir o padrão gramatical. Os eventos de sentença negativa foram encontrados



em menor número, porém, suficientes para ilustrar que o fenômeno é, sim, mais recorrente nos casos de polaridade positiva.

A seguir, será possível observar a coleta de dados por meio de gráficos, para os quais houve a divisão de *áreas de formação* em três macrogrupos: Comunicação (1), Exatas (2), Artes (3) em geral. Em cada um deles, há o percentual de dados encontrados com base nos traços de *polaridade positiva* [+] fenômeno ou [-] fenômeno e de *polaridade negativa* [+] fenômeno ou [-] fenômeno. Vejam-se:



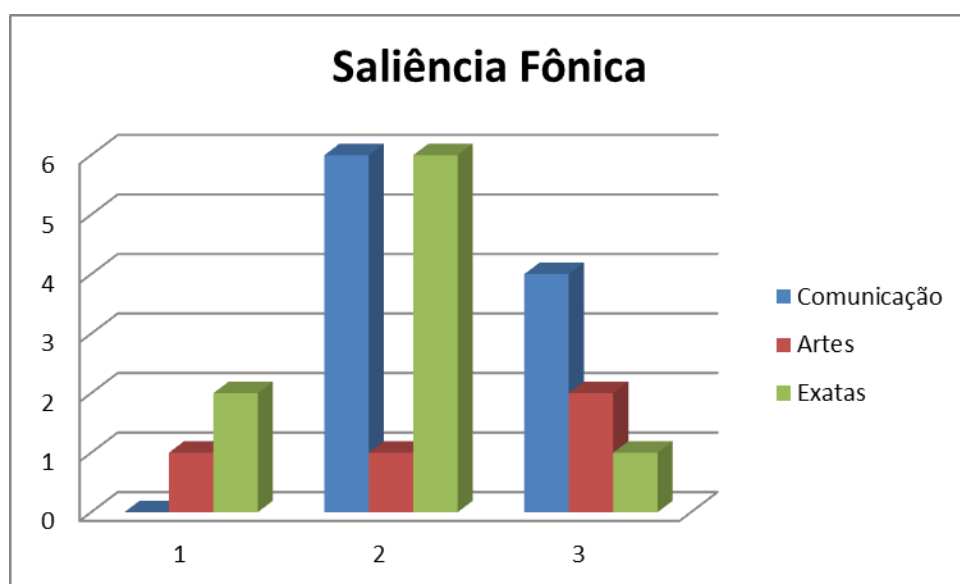
Nos três macrogrupos observados, houve maior ocorrência da polaridade positiva. Na área *Comunicação*, na qual foram aglutinadas formações de jornalismo, publicidade, marketing e afins, as sentenças afirmativas com o traço [+] fenômeno compuseram mais da metade dos eventos, da mesma forma aconteceu com a área *Artes*. O grupo que, em tese, tem menor contato com a questão linguística são as formações de *Exatas*, contudo este foi justamente o que apresentou maior porcentagem no traço [-] fenômeno nos casos de polaridade positiva.

A fim de entender esse apontamento, recorreu-se ao professor Marcos Bagno (2007), o qual afirma que “nada na língua é por acaso”, de fato, não é; tendo em vista que a atividade fim desempenhada por profissionais da área de Exatas não é necessariamente o domínio da língua, esses usuários tornam-se mais presos ao sistema de regras gramaticais, pois, dessa forma, evitam incorrer em “erro” – ou *estigmatização linguística* –, conceito trazido à baila neste estudo. O linguista elucida nossa problemática quando afirma: “essas características da fala ‘popular’ são vistas como a forma mais ‘errada’ possível de falar a língua” (BAGNO, 2007, p. 143). O blog *Escuta aqui, Queridinha!*, de A. R., graduada em Publicidade, meio que explora a língua a fundo, evidencia essa questão logo no nome da página; fica claro que aqueles que possuem maior domínio da língua portuguesa não se policiam por conta dessa variante, pelo contrário, fazem uso dela com naturalidade.

#### **4.2.2 Saliência fônica**

À percepção do falante que não adota determinada variante recorrente na língua por conta de construção sonora que soe de maneira “estranha” aos seus ouvidos, provocando nele uma correção automática e instantânea, dá-se o nome de *saliência fônica*. Essa variável linguística tem sido utilizada em diversos estudos acerca da língua por explicitar variações tanto nominais quanto verbais, que permitem ao pesquisador avaliar fenômenos emergentes ou já frequentes.

A este artigo, a variável apresenta relevância por destacar a categoria de verbos em que o fenômeno pode ser encontrado em maior número. Definiu-se como *saliência fônica*, para esta análise, a extensão do verbo, ou seja, a quantidade de sílabas que o vocábulo possui, portanto os grupos verbais foram divididos em monossílabos (1), dissílabos (2), trissílabos (3) e quadrissílabos<sup>10</sup>, todos levando em consideração os traços [+] fenômeno e [-] fenômeno. Para melhor entendimento, apresentar-se-á gráfico com base no levantamento de dados dos casos em que houve a percepção do fenômeno e posterior análise. Veja-se:



Os verbos dissílabos são os que apresentam maior quantidade de exemplos com o traço [+] fenômeno tanto no grupo *Comunicação* quanto no grupo *Artes*. Em geral, são aqueles que apresentam menor *saliência fônica*, ou seja, verbos cuja variação desperta menor atenção por conta da sutileza da mudança, principalmente nos episódios em que o verbo aparece na posição de início da oração, por exemplo: “**Passa** na farmácia e **compra** um remédio pra mim.” Nos dois casos destacados, o verbo introduz a oração e adota a variante coloquial, logo o fenômeno é constatado.

<sup>10</sup> O grupo de quadrissílabos (e demais verbos polissílabos) não apresentou dados suficientes para um levantamento concreto, portanto optou-se por não inseri-lo no gráfico.

Por outro lado, o fenômeno não foi identificado em sentenças cujo verbo é reflexivo, quando a *saliência fônica* é mais acentuada, como no trecho: “Você já se deu conta da importância de um pleito? [...] **destaque-se, informe-se.**” A partícula –se é um complemento crucial para a semântica do verbo, não pode ser desconsiderada, por essa razão o falante se monitora ao empregar os verbos ilustrados, ambos da categoria *trissílabo*, que reforçaram o traço [-] fenômeno. O complemento –se, nesse caso, é parte integrante do verbo, pois, ainda que não incorpore a estrutura “principal” do verbo, é fundamental para determinar a semântica da ação verbal.

Da mesma maneira acontece com as marcações de número – singular/plural – nas frases, uma vez que o fenômeno é recorrente nas marcações singulares ao passo que, no plural, esse número cai bastante, conforme ensina Raquel Chaves (2014, p. 523): “as formas verbais que apresentam elevada distinção fônica, mensurada por meio de uma escala hierárquica, seriam mais propícias à marcação explícita da pluralidade do que aquelas que apresentam menor grau”.

Portanto, ressalta-se o maior número de ocorrências nos casos de verbos dissílabos e trissílabos singulares, quando grafados no sentido afirmativo, sem marcações de *saliência fônica* que possa despertar no falante o senso de autopolicimento.

## 5 Avaliação

O fato é que toda transformação dentro da língua requer tempo, e a substituição do modo imperativo pelo presente do indicativo se encontra em meio a um processo, como apontado neste estudo. Os casos do fenômeno nas sentenças de polaridade negativa ainda estão pareados aos episódios de manutenção da norma padrão, contudo a tendência é de que, com o avanço do tempo, as comunidades de fala incorporem o uso do presente do indicativo também nas marcações de plural.

Outra questão relevante é a aparição do fenômeno em todas as esferas de escolaridade avaliadas, o que tornou essa variável insuficiente para o apontamento de dados que aportassem parâmetros de comparação entre *formados* e *não formados*, porém foi um excelente meio para observar a aceitação do fenômeno em várias comunidades de fala.

## **6 Considerações finais**

A pretensão do estudo foi verificar episódios de variação/mudança com base em fatores linguísticos e extralinguísticos conjugados à corrente variacionista da Sociolinguística e aos métodos de coleta e análise de dados da pesquisa quantitativa, a fim de reunir-se material para, posteriormente, iniciar-se um possível estudo qualitativo.

Esta pesquisa não teve como objetivo esgotar o assunto, de maneira alguma, mas apenas analisar fatores que se mostraram pertinentes em meio ao processo de mutação do português brasileiro. Entre esses fatores, a variação se mostrou latente nos trechos em que o autor se comunica de maneira direta com o leitor, abrindo espaço para futura análise da relação entre o despontamento do modo indicativo e o enfraquecimento da segunda pessoa.

Por fim, o presente artigo conclui que, na escrita informal do português brasileiro, a queda do imperativo está em meio a um processo gradual, que configura a situação de uma mudança em curso.

## **Referências**

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. 3. ed. 2. reimpr. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Certo ou errado? Tanto faz!. In: *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 141-162.

\_\_\_\_\_. Mas o que é mesmo variação? In: *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007, p.35-57.

\_\_\_\_\_. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CARDOSO, Daniela. A expressão do modo imperativo no dialeto gaúcho: uma regra variável. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 9, ago. 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: *Manual de lingüística*. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

CHAVES, Raquel Gomes. Princípio de saliência fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez., 2014.

CLARE, Nícia A. V. As mudanças linguísticas: ontem/hoje. *VIII Congresso nacional de Linguística e Filologia*, 2004.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo das história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. *A teoria da variação linguística*. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 9 abr. 2015. SCHERRE, Marta; CARDOSO, Daysi; LUNGUINHO, Marcus; SALLES, Heloísa. Reflexões sobre o imperativo em português. *Revista Delta*, v. 23, p. 193-241, 2007.

SCHERRE, Maria. *A norma do imperativo e o imperativo da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: Dietrich, W.; NOLL, V. (Org.). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2004.

SILVA, Edila Vianna da. A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação. In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, v. 9. p. 49-58, 2011.

SCHWINDT, Luiz C. S. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 9, ago. 2007. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_9\\_a\\_influencia\\_da\\_variavel\\_escolaridade.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_a_influencia_da_variavel_escolaridade.pdf)>.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.